





Thomas Kiernan

Há dúvidas sobre a posição de Yasser Arafat e a OLP como representantes do povo palestino. Alguns imaginam que todos os palestinos, inclusive os que vivem na Margem Ocidental, endossam a OLP; outros acreditam que Arafat responde somente por um grupo extremista de descententes.

O fato, entretanto, é que Arafat não representa nada disso. Ele fala, e tem falado desde 1967, pelo Governo da Síria. Não representa os palestinos em geral e nem mesmo uma parte específica de palestinos; ele representa seus superiores no regime sírio.

Em 1966, o Coronel Sulayman Faqr, da polícia secreta do exército sírio, designou Yusef al-Urabi, capitão do exército, comandante de Yasser Arafat e seus colegas no movimento Fatah. Num fútil esforço por estabelecer sua autonomia, o Fatah matou Urabi. Arafat tentou fugir da Síria para o Líbano, mas foi detido e aprisionado em Damasco, onde se decidiu fuzilá-lo. A execução foi adiada enquanto o Coronel Faqr negociou um acordo simples com ele: a vida de Arafat em troca do controle do Fatah. Arafat concordou, e desde então tem operado sob orientação, controle e subsídio dos sucessivos regimes sírios.

Em 1974, viajei pelo Oriente Médio coletando material para um livro que me tinha sido encomendado por um grande editor norte-americano. O tema eram os árabes — e um dos meus alvos principais para entrevistar era Yasser Arafat. Consegui finalmente falar com ele em Bei-

rule, no verão daquele ano. Na época, mencionei que estava interessado em escrever sua biografia, desde que pudesse obter sua cooperação.

Quando chegou a hora de entrar em detalhes, aprendi que a ideia que Arafat tinha de "cooperação" era radicalmente diferente da minha. Evidentemente, ele pensava que eu queria escrever a história da sua vida conforme ditada por ele (e inúmeros colegas do Fatah). Deixei claro que só desejava sua cooperação para poder escrever uma biografia objetiva, não servir de "ghost-writer" para sua autobiografia.

Aquela época, minha motivação principal era a curiosidade: que espécie de homem era esse, que de forma tão súbita passou a ocupar o centro do palco? Pouco se sabia sobre Arafat, e eu estava ávido por descobrir se o que era sabido era factada ou realidade. Por conseguinte, a despeito de ter compreendido que muito pouco viria a saber através dele mesmo, dispus-me a entrevistar membros de sua família, colegas de infância, seus primeiros colegas de infância, seus primeiros colegas de atividade política e funcionários de vários governos árabes

Thomas Kiernan, escritor e jornalista americano, é o autor de vários livros, destacando-se, entre os mais recentes, *Os Árabes: sua história, seus objetivos e o desafio ao mundo industrializado*, da Little, Brown e *Arafat, o homem e os mitos*, da W. W. Norton.

Está trabalhando atualmente num livro sobre Bebe Rebozo e Richard Nixon.

que tiveram contato com Arafat. E o que vim a saber é tremendamente diferente do que esperava, e que o mundo julga.

Há vários caminhos para se chegar a ser um revolucionário. Arafat gosta de contar que sua formação foi marcada por diversos episódios dramáticos — expulsão de sua casa em Jerusalém, testemunho pessoal da tragédia de Deir Yassin e assim por diante. Mas acontece que Yassin Arafat não nasceu em Jerusalém. Não testemunhou os acontecimentos em Deir Yassin. Sua vida de criança não foi marcada por eventos repetidos com as consequências da tensão árabe-júda. Foi, sim, pontuada de uma série de encontros com adultos fascinantes, cada um dos quais "capturou" Arafat por algum tempo, usou-o, e o passou adiante. Arafat, tanto em criança como quando homem jovem, buscava um herói — provavelmente como substituto para seu inútil pai — e sua história pode ser contada da melhor forma e com a maior precisão como a história dos heróis que ele encontrou. Descrevo a seguir os dois mais importantes, assim como os episódios-chave no desenvolvimento de Arafat.

Os sangrentos distúrbios de 1929 na Palestina, quando quase mil judeus foram mortos, constituíram o primeiro sinal real de uma resistência árabe nacionalista à colonização sionista. Até então, a resistência tinha sido, de modo geral, espontânea. A pessoa que recebeu amplo crédito por ter organizado e disciplinado o nacionalismo árabe foi Haj Amin al-Husseini, o Grão-Mufti de Jerusalém. Haj Amin continuou o mais destacado líder político da resistência até que seus diversos equívocos ajudaram a tornar realidade a criação do Estado judeu, e puseram o movimento de resistência num círculo de apatia e impotência.

O homem que conhecemos hoje como Yasir Arafat nasceu bem na época dos distúrbios de 1929, num ramo distante da família de Haj Amin. O local e família de seu nascimento são as duas coisas sobre as quais Arafat menos gosta de ser interrogado. Sua resistência à identificação com o Grão-Mufti é perfeitamente compreensível, visto que a atual geração de nacionalistas árabes vêem o falecido líder com desprezo. A questão do seu local de nascimento é mais complexa.

Como muitos líderes revolucionários, Arafat tentou criar uma origem mística para si próprio. Frequentemente gaba-se de que a casa onde nasceu e foi criado estava a apenas alguns passos do Muro das

Lamentações. Geralmente conclui esta "remiscência" com o lamento: "É claro que a casa não existe mais. Os judeus nos expulsaram em 1948. Depois demoliram-na, em 1967." Mas os membros da família de Arafat que se arriscaram a falar comigo sobre este tema consideram a história de "Jerusalém" como uma brincadeira particular. Quando ela é mencionada, piscam os olhos ou dão risadinhas. Pois se há desacordo dentro da família quanto à questão limitada de seus pais terem viajado do Cairo para Gaza pouco antes dele ter nascido ou logo depois, Jerusalém simplesmente não entra na questão.

Isto não quer dizer que Arafat não tenha qualquer ligação com Jerusalém. Parte de sua família imediata originou-se de lá. Sua mãe era uma mulher baixa, morena, chamada Hamida Khalifa al-Husseini. Era filha de um mercador frequentemente falido chamado Mahmoud al-Husseini e, através dele, prima em segundo grau de Haj Amin, o Grão-Mufti.

O pai de Arafat, Abdeltrauf Muhammad al-Qudwa, era filho de um dos principais mercadores e latifundiários de Gaza. Segundo corre na família, o casamento dos pais de Arafat foi arranjado pelos dois pais. Rahman al-Qudwa viu na filha de Mahmoud al-Husseini uma maneira feliz de ligar sua clã meio plebéia com uma das famílias mais respeitadas de Jerusalém, descendentes diretos de Maomé. E Mahmoud, de seu lado, algo marginal entre os al-Husseinis por causa de seus frequentes problemas financeiros, viu em Abdeltrauf um caminho para as for-

tunas mercantis dos al-Qudwa. Os dois jovens casaram-se em Jerusalém a 17 de maio de 1917.

Radicaram-se em Gaza, e ali Abdeltrauf foi muito bem sucedido, progredindo mais rapidamente que vários de seus irmãos mais velhos na administração das empresas da família. Sem dúvida graças ao prestígio que ganhou através do casamento, à época da morte de seu pai, em 1924, ele estava chefiando metade do império comercial dos al-Qudwa. Sua esposa Hamida já tinha dado à luz dois filhos — um menino chamado Badir Mutar e uma menina chamada Fátima, e um ano depois, nasceu um segundo menino — Zaid Omar.

Logo após a morte de seu pai, Abdeltrauf foi persuadido por seu sogro Mahmoud de que podiam fazer-se grandes somas de dinheiro através da importação e venda de artigos religiosos às colônias sionistas, que proliferavam rapidamente na Palestina. Abdeltrauf concordou em estabelecer Mahmoud nos negócios. Entretanto, logo chegou aos ouvidos dos escalões superiores do Supremo Conselho Muçulmano, que era chefiado por Haj Amin, informação sobre suas atividades. O fato de que um al-Husseini estivesse lucrando com o odiado influxo sionista era um profundo constrangimento para o Mufti, e ele enviou uma mensagem a Mahmoud e Abdeltrauf para que interrompessem os negócios e desistissem.

Quando os dois hesitaram, sua loja recém-alugada em Ramallah foi queimada. Abdeltrauf persistiu, reabrindo o negócio em Gaza. Ali, no início de 1927, os laranjais dos al-

Qudwa foram vítimas de vândalos.

Depois, uma série de lojas da família na principal *souk* foi saqueada. Depois, um pomar de oliveiras foi destruído pelo fogo. Em junho, a esposa e o filho mais velho de Abdeltrauf foram apedrejados na Praça Falastin de Gaza, o que provocou um aborto em Hamida. Finalmente, o próprio Abdeltrauf foi agredido e espancado por um bando de jovens seguidores de Haj Amin.

Ao fim do ano, o império comercial dos al-Qudwa estava em virtual colapso. Os irmãos de Abdeltrauf insistiam em que ele abandonasse o mal-fadado empreendimento, e ele finalmente aquiesceu. Mas mesmo depois de ter renunciado publicamente à suas transações com os sionistas, não houve descanso. Ele tinha sido estigmatizado como colaborador dos sionistas, e finalmente teve que fugir de Gaza com sua família. Mudaram-se para Khan Yunis onde ficaram cerca de um mês, e depois viajaram para o Cairo, onde, em fevereiro de 1928, fixaram-se numa modesta casa de um bairro palestinese, à margem oriental do Nilo. Em julho, Hamida deu à luz o terceiro filho, Nasr Mahmoud.

Logo em seguida, Hamida voltou a engravidar. No início de 1929, Abdeltrauf, sem a antiga renda de Gaza, começou a trabalhar como representante comercial em Jerusalém de negociantes egípcios. Com isso, passou a viajar para Jerusalém uma ou duas vezes por mês, onde visitava seu sogro Mahmoud. Este se tinha tornado um haj-amirista ferrenoso, e exortava insistentemente Abdeltrauf a seguir seu

exemplo. Mas Abdeltrauf tinha razões de sobra para guardar amargorancor pelo Mufti, e recusava-se.

Foi nesta época que nasceu Yassir. Conquanto tenha sido impossível encontrar quaisquer registros oficiais de nascimento — tanto em Jerusalém como no Cairo ou em Gaza — um irmão, uma irmã, um dos tios de sua mãe, vários primos e numerosos conhecidos egípcios concordam em que a notícia dos distúrbios de 1929 em Jerusalém fizeram com que Abdeltrauf cancelasse sua viagem de agosto para aquela cidade. Hamida deveria dar à luz em outubro, mas a ansiedade quanto ao destino de seu pai e sua família em Jerusalém evidentemente provocaram o parto prematuro. Na madrugada de 27 de agosto ela deu à luz seu quarto filho. No dia seguinte, Abdeltrauf foi ao Ministério do Interior do Cairo registrar o nome do menino, Rahman Abdeltrauf Muhammad al-Husseini al-Qudwa — conhecido hoje como Yassir Arafat. A explicação mais plausível para a ausência do documento de registro é fornecido por um primo de Arafat, que afirma que o próprio Yassir disse que os documentos foram destruídos por amigos membros do serviço de espionagem egípcio, a fim de preservar o mito de Jerusalém. Seja qual for a explicação para a ausência dos documentos, o fato é que Arafat não nasceu, não cresceu e na realidade nunca viveu em ou próximo a Jerusalém.

R

Rahman, como era conhecido inicialmente Arafat, teve uma infância pouco notável no Cairo. Alguns parentes, contudo, lembram uma característica peculiar — uma espécie de memória fotográfica, especialmente quanto a textos religiosos. Antes mesmo de aprender a ler, ele conseguia repetir palavra por palavra longos trechos do Corão, após ouvi-los uma só vez. Esta habilidade, juntamente com um comportamento algo taciturno, fizeram de Rahman um enigma, e mesmo um aborrecimento para seu pai. Foi portanto com algum alívio que Abdeltrauf deixou a educação do menino à responsabilidade de um idoso parente de Hamida, um certo Yusef al-Akbar. Al-Akbar era uma espécie de sábio e mestre religioso muçulmano do bairro, e ficou muito impressionado com a precocidade de religiosa de Rahman. Durante

quatro anos foi ele a figura dominante na vida de Rahman; ao fim, sua relação com Rahman custou-lhe a própria vida.

Em 1936, Abdeltrauf viajou para Jerusalém com Badir, seu filho mais velho. Ali viram-se envolvidos numa briga de rua entre árabes e judeus, e embora fossem inocentes espectadores, foram espancados brutalmente pela polícia inglesa. Abdeltrauf voltou ao Cairo com um ódio recém-adquirido pelos ingleses, convencido de que eles estavam protegendo os sionistas e perseguindo os árabes.

Aquela época, um movimento subterrâneo egípcio, extremamente contra os ingleses, ganhava popularidade. Chamado al-Ikhwan al-Muslimin, isto é, Irmandade Muçulmana, tinha sido fundado alguns anos antes por um professor de ginásio fundamentalista, Hassan Banna. Proclamava uma política de “Egito para os egípcios”, praticava assassinios políticos e terrorismo e buscava uma revolução que levasse o Egito a ser governado segundo os preceitos do Corão. Quando Abdeltrauf regressou ao Cairo, depois de sua experiência infeliz em Jerusalém, ingressou imediatamente na célula local da Irmandade, trazendo consigo seus dois filhos mais velhos.

No ínterim, Rahman caía mais e mais sob a influência de Yusef al-Akbar. Neste período, segundo a irmã mais moça de Rahman, Hama, o menino era bastante introvertido. “Era sempre vítima de brincadeiras cruéis por parte de meus irmãos e seus amigos. No entanto, nunca reagiu. Ficava sentado e deixava que batesses nele ou o provocassem.

Ficava olhando para eles, sem piscar um olho, até que eles ficavam assustados e paravam. Era assim a vida toda. Mesmo quando meu pai dava-lhe uma surra, o que ocorria frequentemente, pois ele era um menino desobediente, ele o encarava até que meu pai parasse. Então surgia um leve sorriso nos cantos de sua boca”.

Al-Akbar, talvez movido por uma combinação de simpatia pela infeliz vida familiar do menino e excitação com sua precocidade, propôs a Abdeltrauf adotar Rahman e devotar o resto de sua vida a transformá-lo num grande líder religioso. Quando Abdeltrauf recusou a proposta, al-Akbar decidiu envenenar o relacionamento de Rahman com seu pai. Revelou os negócios anteriores de Abdeltrauf com os sionistas, embebeu o menino do antijudaísmo clássico do islamismo primitivo e desta forma demonstrou como era monstruosa a heresia de Abdeltrauf.

Assim programado, Rahman foi-se tornando cada vez menos respeitoso de seu pai, publicamente. Na primavera de 1939, Abdeltrauf, ao descobrir que a causa do destreito de Rahman era a perfídia de al-Akbar, invadiu a casa do velho e o acusou. Al-Akbar desculpou-se. Contudo, no dia seguinte, foi encontrado morto, assassinado à maneira especial da Irmandade Muçulmana.

Em agosto, a polícia local investigou o crime e concluiu que os culpados eram Abdeltrauf e alguns de seus associados na célula local. Ao saber que estava para ser preso, Abdeltrauf buscou o auxílio de Hassan Banna. Banna recomendou-

lhe que deixasse o Cairo e voltasse com sua família a Gaza, para ali fundar uma célula. Acabara de irromper a guerra na Europa, o que apresentava à Irmandade a oportunidade de expandir sua influência, enquanto os ingleses estavam ocupados com outras questões. Segundo Banna, o potencial para a Irmandade em Gaza ainda estava para ser explorado. O trabalho de Abdeltrauf seria organizar as coisas para a Irmandade em Gaza. Em troca, Banna cuidaria que ele pudesse sair do Cairo sem maiores problemas com a polícia.

rico proprietário de terras de Haifa, tinha sido educado em Paris. Retornara à Palestina em 1938 cheio de zelo nacionalista revolucionário, ansioso por combater tanto ingleses quanto judeus em prol da fundação de uma nação árabe palestina. Depois de ser posto para fora do negócio de seu pai, por ter tentado sabotar a venda de terra para colonos sionistas, juntou-se a um bando de terroristas nas colinas da Galiléia Setentrional, chefiados por um anti-sionista chamado Yassir al-Birah. Al-Birah foi morto numa emboscada inglesa um ano depois, mas antes de morrer tinha doutrinado inteiramente Halaby quanto às virtudes da violência e os prazeres do homossexualismo.

Halaby vagueou até Jerusalém, onde ingressou nas forjas de Abdalgadir al-Husseini. Sobrinho de Haj Amin, Abdalgadir teve uma rápida ascensão à proeminência, como líder substituto do movimento nacionalista haj-aminista — tendo o Mufti sido forçado a fugir da Palestina após a eclosão dos distúrbios árabes e o boicote de 1936.

Em 1940 Abdalgadir enviou Halaby, que sabia falar um pouco de alemão, a Gaza, para encontrar um submarino alemão que deveria entregar um carregamento de armas a uma praia próxima. Halaby cansou-se de esperar pelo *U-boat* e arranhou um emprego na escola local, para ensinar álgebra. Ali encontrou Rahman al-Qudwa, então com 11 anos, e espantou-se com a semelhança entre o menino e Yassir al-Birah. Logo passou a chamar Rahman de “Yassirzinho”.

Halaby, cheio de histórias so-

B

bre feitos terroristas no norte, com al-Birah, rapidamente tornou-se objeto de adoração em massa dos estudantes na escola. O fato de ter escolhido Rahman para lhe dar atenção especial — e mesmo afeto — elevou muito a posição ainda metódica do menino entre seus colegas. Isto, por sua vez, produziu um caso de dupla adoração por parte de Rahman. Ele gostava de ser chamado de Yassirzinho. Em poucos meses o “zinho” foi abandonado e ele se tornou conhecido simplesmente como Yassir.

Segundo Ibrahim Rashidiyah, então membro da célula recém-formada da Irmandade de Abdelrauf, e atualmente veterano cidadão de Gaza, bem situado, Majid Halaby tornou-se rapidamente foco de uma rivalidade cada vez mais profunda entre Abdelrauf e Rahman — ou Yassir, como o chamaremos de agora em diante. De fato, Halaby envolveu-se nas vidas de pai e filho de maneira tão bizantina que as repercussões prolongaram-se por anos. Rashidiyah diz que Halaby, em 1942, recebeu em Jerusalém ordens de Abdelqadir de matar Abdelrauf al-Qudwa. O motivo dado era que Abdelrauf desobedecera a ordem de Abdelqadir de dissolver sua célula da Irmandade, que era considerada um perigoso competidor do ramo de Gaza dos haj-aministas.

Isto é confirmado por outro ex-membro da célula. Salah Kwadjieh, que sustenta ter sido o melhor amigo de Abdelrauf naqueles dias, acrescenta que, em vez de matar Abdelrauf, Halaby ingressou na célula da Irmandade. Kwadjieh explica a atitude dizendo que Halaby tinha ouvido rumores de que Abdel-

qadir tinha feito um pacto secreto com os ingleses para suspender as atividades terroristas haj-aministas enquanto durasse a guerra. Diz ele que Halaby estava enlouquecendo de desejo de ação, e que ingressou na Irmandade para pôr de lado Abdelrauf e reformar a célula à sua própria imagem.

Rashidiyah, por outro lado, diz que a única razão porque Halaby se juntou a Abdelrauf, ao invés de matá-lo, foi que ele estava obcecado com a memória de al-Birah e viu no menino que apelidara de Yassir uma oportunidade de recriar o terrorista galleu. Para fazê-lo, precisaria de acesso diário ao jovem.

Fossem quais fossem as motivações de Halaby, dentro de semanas ele envolveu-se numa amarga disputa com Abdelrauf quanto à direção do grupo. Abdelrauf, segundo Hassan Banna no Cairo, depois da derrota alemã em El Alamein, assumiu uma atitude de espera. No ínterim, Halaby pressionava por ação imediata contra as forças do Mandato inglês, no que recebia crescente apoio dos membros mais jovens da célula.

Yassir tinha agora 13 anos. Admirador irrestrito de Halaby, começara a servir sexualmente ao professor e evidentemente tinha prazer com o desconforto do pai. Seu pai, cômico de seu prestígio decadente, tentou finalmente tirar Halaby da célula. Conseguiu por uma pequena margem de votos, segundo Rashidiyah. Mas isso só piorou as coisas, pois Halaby prontamente formou uma célula dissocia-

da, levando consigo 30 dos membros mais jovens — inclusive Yassir.

Ao mesmo tempo, Halaby dei-

xou seu emprego de professor, adotou o nome de guerra de “Abu Khalid” e entregou a Yassir e outros rapazes mais velhos a tarefa de recrutar um “comando da juventude” nas escolas locais. Àquela época ficou claro que a Alemanha não conseguiria libertar a Palestina dos judeus e ingleses — um acontecimento que Haj Amin predizia de seu posto na Berlim nazista. Prometendo a seus subordinados iminente ação guerrilheira contra os sionistas, Halaby conseguiu sozinho realizar um ousado ataque a um comboio de camélos haj-aminista, e capturou um carregamento de armas. Antes que tivesse chance de formar sua força guerrilheira, entretanto, as armas foram capturadas por representantes de Abdelrauf.

Abdelrauf foi a Jerusalém e, sob os auspícios de seu velho sogro Mehmoud, fez as pazes com Abdelqadir, oferecendo devolver as armas aos haj-aministas. Em troca, exigia que Abdelqadir se livrasse de Halaby. De bom gosto Abdelqadir o fez, em vista da deslealdade de Halaby. Com um pretexto, atraía Halaby a Jerusalém, e fez com que o matassem. Poucas semanas depois, numa viagem a Gaza, Abdelqadir falou com o jovem Yassir e completou o quebra-cabeças em que se tinha empenhado com o pai de Yassir. Disse-lhe que tinha enviado Halaby em missão secreta para a Síria, para recrutar comandos. Disse que Halaby fora morto por uma patrulha judia enquanto regressava através da fronteira. Mostrou uma nota escrita por Halaby, que disse ter encontrado em seu corpo. Era dirigida a Yassir, e ordenava que o rapaz, caso ocorresse algo com Halaby, seguisse fiel-

mente as ordens de Abdelqadir. Este entregou ao choroso Yassir sua primeira tarefa — estabelecer uma “Sociedade Mártir Abu Khalid” secreta, em sua escola, e desenvolve-la de acordo com os princípios de Haj Amin e Abdelqadir.

Yassir caiu no logro, e no ano seguinte ocupou-se em organizar a Sociedade Mártir Abu Khalid. Segundo alguns dos que conseguiram recrutar, a experiência lhe deu pela primeira vez o gosto da liderança. Explorou a oportunidade, modelando seu estilo naquele do seu amado Majid Halaby e se tornou gregário, arrogante e impiedoso — características que contradiziam sua aparência física desajeitada.

Na primavera de 1947, quando Yassir tinha 17 anos e as hostilidades árabe-judias estavam num crescendo, antecipando a vindoura votação da ONU sobre a partilha da Palestina, Yassir foi até Jerusalém com vários de seus companheiros como voluntários a Abdelqadir. Ao chegarem, descobriram que Abdelqadir tinha sido ferido na véspera por estilhaços de vidro de uma bomba sionista. Para mostrar sua devoção ao líder árabe, Yassir imediatamente correu às ruas com uma pistola que tomou de empréstimo, esperando encontrar um judeu para fuzilar em retaliação. Em vez disso, ao tentar subir um muro, acidentalmente disparou a arma contra sua perna.

Voltou ao esconderijo de Abdelqadir, foi tratado e depois enviado para prestar serviço no posto avançado próximo a Beit Safafa. Ocasionalmente chegavam notícias

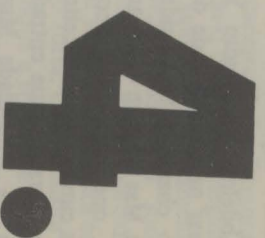
de Gaza sobre ação de guerrilheiros árabes bem sucedida. Entediado com seu trabalho de escritório, que consistia principalmente de fazer café, Yassir começou a gabar-se de fictícios feitos militares de sua Sociedade Abu Khalid, e a queixar-se de que, enquanto seus “homens” continuavam na luta contra o judeus, ele estava preso em Jerusalém.

“Finalmente”, lembra Salah Haddad, que testemunhou todo o episódio, “nós começamos a ficar cansados com a arrogância de Yassir. Um dos homens no quartel-general que sabia a verdade sobre Abu Khalid disse a Yassir que este não sabia o que estava dizendo. Yassir replicou como de hábito, de modo que o homem gritou que Abu Khalid não era um mártir, mas sim um traidor que Abdelqadir tinha morto como um favor ao pai de Yassir. Yassir ficou chocado com isto. Tentou rir do argumento, mas alguém mais que estava presente o confirmou. Contou toda a história — como Abdelqadir tinha-se encontrado com o pai de Yassir, como este concordara em devolver as armas roubadas se Abdelqadir conseguisse a morte de Halaby, como o fariam segredo de Yassir, como Abdelqadir fez com que Halaby viesse a Jerusalém, como o tinha torturado para que escrevesse a nota a Yassir ordenando-lhe que seguisse Abdelqadir, como o matara, como queimara seu corpo para que não restassem vestígios”.

Para Yassir, terminara sua guerra contra os judeus. Ele voltou a Gaza com um único propósito na mente: matar seu pai. Foi eventualmente dissuadido por seus irmãos,

segundo Nasr al-Qudwa. Mas passou os dois anos seguintes numa revolução à sua personalidade infantil — lido, introvertido, emburrado. Toda a história da tempestuosa relação de Arafat com seu pai é matéria para psico-história. Uma criança que buscava tão desesperadamente um herói, nunca encontrando em seu pai a possibilidade do herói, tão amargamente desapontado que estava pronto a pensar em patricídio; um pai tão completamente indiferente às necessidades mais elementares de seu filho que certamente quase nunca tentou descobrir qual era o problema com o menino; uma relação tão vazia de conteúdo positivo que certamente oferece rico material para psicanálise.

Em 1948, o exército egípcio, derrotado por Israel, recuou através de Gaza. Apressadamente, Abdelrauf al-Qudwa decidiu segui-lo. Reuniu sua família, requisitou um caminhão da Companhia de Cítricos da Palestina e dirigiu até Port



Said. Dali, sua família foi até o Cairo de volta, e retomou residência temporária no mesmo bairro onde tinha vivido antes.

Yassir seguiu sem qualquer relutância particular. A ruptura na vida familiar tivera um efeito unificador, dizem alguns, e Yassir e seu pai chegaram a uma modesta reconciliação.

A atmosfera no Cairo era de descontentamento nacional. A Irmandade Muçulmana, agora poderosa, abrigava grupos dissidentes — particularmente no exército — planejando derrubar o corrupto rei Farouk e seu Governo Wafd. Haj Amin tinha escapado aos processos dos aliados por crimes de guerra, na Europa, tinha obtido refúgio no Cairo e estava no processo de tentar alinhar seus nacionalistas palestinos dispersos com as forças da Irmandade de Hassen Banna. Abdelrauf al-Qudwa viu uma oportunidade para si próprio nesta aliança. Insinuou-se de volta a Hassen Banna, na esperança de atuar como mediador entre Banna e Haj Amin.

Abdelrauf persuadiu Yassir a ingressar na Universidade do Cairo (então chamada Universidade Rei Fuad). Mas o jovem de 20 anos verificou que necessitava completar alguns cursos para ser aceito. Então seu pai arranjou sua entrada numa escola da Irmandade Muçulmana por um semestre. Ali Yassir meteu-se com um grupo de estudantes egípcios que eram ativistas políticos, preparando-se para o que julgavam ser a iminente revolução da Irmandade, e seu temperamento político juvenil começou a se manifestar de novo.

Poucos meses depois, Haj Amin, com apoio da Irmandade, conseguiu formar um "Governo de Toda a Palestina". Estabeleceu sua assembleia em Gaza, que tinha sido posta sob administração egípcia após o cessar-fogo árabe-israelense de 1949. Abdelrauf obteve o posto de elemento de ligação da Irmandade na assembleia e voltou a Gaza. Yassir foi com ele, e pouco depois completava sua transformação para Yassir Arafat.

Um mês depois de sua volta, foi como voluntário para um campo de treinamento de guerrilheiros patrocinado pela Irmandade, próximo à cidade de Suez. Enquanto Yassir estava no campo, o rei Abdullah da Transjordânia anunciou sua intenção de anexar a Margem Ocidental e incorporá-la num novo Reino da Jordânia, conferindo a cidadania jordânica automática a todos os árabes da Margem Ocidental. Isto despertou furor no movimento nacionalista palestino ora centrado em Gaza, pois a ação de Abdullah moveria boa parte do apoio popular ao movimento. Haj Amin e sua assembleia para Toda a Palestina ameaçaram e importunaram Abdullah, mas com toda sua pompa retórica, não tinha forças para detê-lo.

Esta impotência prejudicou ainda mais a reputação de Haj Amin no mundo árabe. Muitos jovens árabes tentaram dissociar-se de qualquer ligação com o Mufti. Yassir al-Husseini al-Qudwa tentou duplamente remover o estigma. No campo, tinha-se tornado objeto de escárnio, devido a seu parentesco com Haj Amin. Para demonstrar sua fi-

delidade à Irmandade, Yassir anunciou que mudaria seu nome. Sugeriram-lhe vários nomes, todos com o objetivo de simbolizar a crença no fundamentalismo religioso da Irmandade. Yassir escolheu Arafat, nome da montanha próxima a Meca que se diz ter sido tornada sagrada por Maomé.

Foi portanto como Yassir Arafat que ele retornou de Suez a Gaza em 1950, treinado nos rudimentos da guerra de guerrilha. Foi designado para um grupo de comandos, e partindo do grau mais inferior, abriu caminho até a liderança de uma esquadra de sapadores (enquanto estava no campo, revelara um talento para lidar com explosivos). Ostensivamente, as guerrilhas estavam sendo preparadas para atacar contra Israel, mas a maior parte de suas atividades era dirigida contra árabes ricos nas redondezas de Gaza, que relutavam em prestar apoio financeiro ao Governo de Toda a Palestina.

Amin Hegoub, nos últimos tempos vendedor de fundos mútuos na Europa, era membro do esquadão de Arafat. Fala de uma missão noturna a um pomar de cítricos de propriedade de um dos recalcitrantes. "Nossa tarefa era queimar o pomar, mas quando chegamos encontramos uma emboscada. Alguém tinha informado o proprietário. Yassir era então o líder do esquadão e planejara a missão. Havia um rapaz em nosso esquadro em quem ninguém confiava. Seu nome era Rork Hamid, e sabia-se que sua família tinha relações de amizade com o proprietário do pomar. Bem, os homens que nos emboscaram

tinham porretes e facas. Houve uma luta furiosa, e todos nós apanhamos. Exceto Rork Hamid. Quando finalmente nos abrigamos em nossa casa de reuniões, Hamid tinha um jeito muito sonso. Tínhamos várias pistolas armazenadas num quarto contíguo. Yassir ficou olhando acusadoramente para Hamid; acho que todos o fizemos. Pensávamos que fora ele quem alertara o inimigo. Finalmente, com a voz muito suave, Yassir disse o que estávamos todos pensando. Hamid negou. Começou a soluçar. Yassir levantou-se e foi mancando até o outro quarto. Quando saiu, um momento depois, todos vimos que tinha uma pistola nas costas. Caminhos até Hamid, que estava cego pelas lágrimas que nossas acusações o faziam derramar, e o fuzilou. Na cabeça. Mais tarde descobrimos que não fora Hamid o traidor, mas alguém ligado ao escritório de Haj Amin, que esperava que a emboscada deflagra-se distúrbios em Gaza. Quando Yassir soube disso, deu de ombros, simplesmente, e disse algum lugar-comum sobre as difíceis decisões que um líder tem de tomar".

O assassinato, entretanto, criou um alvoroço em certos círculos. Para escapar à vingança do pai do jovem assassinado, Yassir foi forçado a se esconder. Após algum tempo, Abdelrauf persuadiu-o a voltar ao Cairo e ingressar na Universidade.

Primeiramente, ele se registrou na Universidade do Cairo como estudante de Engenharia, em agosto de 1951, sob o nome de Yassir Arafat al-Qudwa. Logo abandonou o "al-Qudwa", pois estava mais ansioso do que nunca por ocultar sua li-

gação com al-Husseini. Poucas semanas antes, Haj Amin tinha enviado agentes à Mesquita Al Aksa, em Jerusalém, para assassinar o rei Abdullah. O fato de que o Mufti permitisse que o assassinato tivesse lugar num dos locais mais sagrados do Islã causou revolta no devoto muçulmano e selou seu descrédito.

Como estudante universitário, o ativismo político de Arafat começou a florescer. Cedo ele ingressou na União dos Estudantes Palestinos. Chamou a atenção geral durante uma manifestação de protesto da Irmandade Muçulmana frente ao palácio do rei Farouk, quando chefizou um pequeno grupo de estudantes armados numa malograda tentativa de invadir o palácio, e foi preso.

Depois do golpe de Nasser, no verão de 1952, o ímpeto da Irmandade começou a se esvaír, e com ele o prestígio da União dos Estudantes Palestinos, que era apoiada pela Irmandade. Arafat voltou-se para outra organização, em fins de 1952 — a Federação dos Estudantes Palestinos — e começou a subir na sua hierarquia.

Mas nem tudo era política neste momento da vida de Arafat. Na opinião de vários de seus conhecidos da época, ele era basicamente assexuado, mas quando tinha relações sexuais, era invariavelmente com outros homens. Isto não é tão incomum assim, à luz da permissividade do Corão com relação ao homossexualismo e a tradição beduína de sexo casual entre homens. Segundo seus amigos, o homossexualismo juvenil de Arafat era mais questão de conveniência do que romance, e ele evitava ligações perma-

mentes. Evidentemente, entretanto, em seu segundo ano de faculdade, ele decidiu que chegara a hora de se afirmar com as mulheres.

Sua primeira experiência, segundo o xeque Zaki al-Yamani, atual ministro do petróleo da Arábia Saudita que foi colega de Arafat, envolvia uma garota chamada Demona. Al-Yamani lembra que Arafat estava ficando careca e muito perturbado com isso. Via frequentemente Demona, que era pelo visto muito bela, no campus da universidade. Ela tinha sido educada em Londres e estava muito acima de Arafat em questão de sofisticação e maneiras. E no entanto, Arafat estava certo de que, se pudesse conquistá-la, sua estatura frente a seus colegas estudantes subiria meteoricamente. Mas havia o problema do seu cabelo.

"Subitamente", diz al-Yamani, "começamos a ver Yassir desfilando com uma peruca e uma jaqueta ocidental, esperando que Demona passasse. Um dia ela passou, e Yassir abordou-a com algumas frases floridas, à maneira Bedu. Demona piscou, olhou-o de soslaio e seguiu em frente. Yassir tentou novamente algumas vezes, mas sem sucesso. Então, um dia, ele se aproximou para pegar sua mão. A peruca estava um pouco torta. Com o maior desespero, Demona a ergueu de sua cabeça e entregou-a à garota que estava com ela. Ambas riram, e Yassir ficou louco de raiva. Este foi o fim de sua perseguição de Demona. Eu diria que as mulheres não eram o *métier* de Yassir".

A segunda tentativa de Arafat de afirmar sua masculinidade teve

um fim mais trágico. Em 1954 ele encontrou uma jovem gorducha chamada Jinan al-Oraby, filha de um próspero empiteiro de Alexandria. Ela não o repeliu, e os dois logo formaram um par freqüente no campus.

Segundo lembra hoje Ismael Riad, outro colega de turma de Arafat, "Yassir me disse várias vezes que tencionava casar-se com Jinan, para conseguir uma colocação na companhia de seu pai — àquela época ele pensava em ficar no Egito e desfrutar do clima da Alexandria. Esteve com Jinen constantemente durante seis meses, embora eu não acredite que tenha havido algo de mais íntimo entre os dois. Então ela o levou para Alexandria, para que ele pudesse pedir sua mão ao pai. Enquanto ele estava ali, descobriu que os vizinhos de Jinan eram uma família judia que estavam tentando deixar o Egito para ir para o Estado sionista. Jinen era muito amiga das filhas, embora elas fossem judias. Isto enfureceu Yassir. Ele já se imaginava uma espécie de líder do futuro, e para ele era imaginável que sua esposa pretendida tivesse amigas judias. Por isso, enquanto estava em Alexandria, foi ao *Khawn* (Irmãzinha Mujulmana) local. Dois dias depois toda a família judia foi morta em sua casa. Quando Jinan soube da notícia, ficou perturbada".

Riad também era de Alexandria, e conhecia Jinan al-Oraby. "Não era uma moça muito inteligente, e de início não ligou a época dos assassinatos com o que tinha tido a Yassir sobre o desejo da família de deixar o Egito. Mas mais tar-

de ela me contou que Yassir gabou-se de ter instigado os assassinatos. Então, quando ela fez objeções ao que ele tinha feito, ele espancou-a na casa do pai, enquanto este estava fora. E depois tentou estuprá-la. Mas não conseguiu — compreende, ele era incapaz de penetrá-la. Quando tudo terminou, ele ainda esperava casar-se com ela. Mas Jinan tomou-se de um medo mortal dele. Mais tarde disse-me que tinha informado a seu pai que Yassir era parente de Haj Amin. O Sr. al-Oraby tinha grande ódio pelo Mufti, e ao saber disto expulsou Yassir da casa. Acredito que Yassir tentou fazer com que ele também fosse assassinado, mas não o conseguiu".

recém-formada brigada de guerrilha fedayin do exército egípcio próximo a al-Mansura. Talvez com inveja de sua dedicação, Arafat tirou licença da universidade e seguiu na mesma direção, surgindo em al-Mansura poucas semanas depois. Ali encontrou Amwar Chalib, um major do exército egípcio natural de Jerusalém que, além de seu serviço de treinamento na brigada, também recrutava espões em potencial para o serviço de espionagem egípcio.

Chalib interessou-se por Arafat. Depois de lhe conceder o posto de tenente no exército egípcio, persuadiu-o a ingressar no serviço de espionagem. Pôs Arafat em contato com um homem chamado Muhammad Takiuddin. Takiuddin ministrou-lhe um breve curso de treinamento e depois instruiu-o a retornar seus estudos na universidade e estabelecer uma nova organização estudantil a ser chamada União Geral dos Estudantes Palestinos. A organização seria utilizada pela inteligência egípcia para unir a população palestina do Egito sob a liderança do regime de Nasser e denunciar aqueles que fossem menos que fervorosos em seu apoio a Nasser.

Dentro de seis meses estava organizada a União Geral, e com o apoio clandestino de Takiuddin e seus associados, tinha atingido destaque na universidade. Arafat foi nomeado presidente. Seus dois ajudantes principais, a despeito do fato de não serem estudantes registrados, eram al-Yazir e Khalef, os antigos visitantes de Gaza.

Arafat e seus colegas entraram numa aliança da União com um grupo de estudantes da Argélia que esta-

tavam promovendo a causa do movimento de libertação argelino. Tornaram de empréstimo livremente a retórica dos argelinos para promulgar, em linhas nasseristas, a idéia de libertação de sua pátria palestina de Israel. Nesta aliança foram lançadas as sementes do moderno movimento de libertação da Palestina, que eventualmente seria chefiado, ao menos de nome, por Arafat, al-Wazir e Khalef.

Antes que muito pudesse ser feito, entretanto, estourou a Guerra de Suez, em 1956. Arafat foi enviado para a cidade de Suez, para ingressar numa unidade egípcia de demolição, mas pouco depois de chegar terminou o tirocêio. Ele voltou ao Cairo dois meses depois, revolta-do com o desempenho do exército egípcio no Sinai e disposto a abandonar sua fé no regime de Nasser. Reencontrou al-Wazir e Khaled expirando sentimentos semelhantes. Os três, proclamando-se grandiosamente "a vanguarda da geração da vingança", resolveram criar uma frente de libertação da Palestina à maneira da FLN, que ganhava preeminência na Argélia.

Nos dois anos seguintes, com a ajuda de início de um grupo dentro da inteligência egípcia que visava a derrubada de Nasser, e depois de seus próprios ardis, os três fizeram uma viagem à Europa e depois de volta através do Egito até o Kuwait, colhendo seguidores ao longo do caminho e levantando fundos de diáspora palestina. Arafat fixou-se no Kuwait em 1958, arranjou um emprégo de aprovar contratos de construção para o Departamento de Obras Públicas, e o utilizou para extorquir dinheiro daqueles que esta-

vam dispostos a pagar comissões em troca de contratos. Pouco depois ele, al-Wazir e Khalef, juntamente com diversos seguidores novos, fundaram formalmente o Al Fatah.

Desde o início, segundo vários membros primitivos do Fatah, Arafat controlou as finanças do grupo, e desta forma assegurou-se a palavra final no que originalmente tinha sido concebido como uma liderança coletiva. Sua primeira realização foi o lançamento de *Nossa Palestina*, uma revista mal feita que aparecia duas ou três vezes por ano e continha esboços freqüentemente contraditórios da nascente ideologia do Fatah. A revista era escrita quase totalmente por Arafat e Farouk al-Qaddumi, outro dos primeiros membros do Fatah. Era produzida em Beirute e distribuída em campos de refugiados no Líbano e Jordânia, onde, em 1962, começou a chamar a atenção.

O próprio Arafat mudou-se para Beirute em 1962, com uma pequena fortuna levantada no Kuwait, e ali estabeleceu o primeiro escritório do Fatah. Um ano depois, viajou para Argel e foi doutrinado durante um mês nas táticas da FLN que tinham levado à expulsão dos franceses da Argélia. Seguiu-se uma viagem secreta à China, financiada pela FLN, e quando Arafat regressou a Beirute, em 1963, dominava com mais segurança a ideologia e jargão revolucionários.

O progresso de Arafat desde 1963 foi bastante bem documentado. Sua ascensão, primeiro à preeminência e depois à preeminência no movimento palestino, marcada por encontros com os mais destacados estadistas e governantes por todo o mundo, com o ápice de seu aparecimento perante a Assembleia Geral das Nações Unidas em 1974 — tudo isto é bem conhecido.

Mas o Arafat das manchetes, herói para alguns e monstro para outros, é, como o tem sido há muitos anos, uma fraude. O menino confuso, dominado por adultos carismáticos, tornou-se um homem confuso, dominado por seus empregadores sírios. Já em 1965, o jovem Fatah foi infiltrado e depois dominado por agentes do Deuixieme Bureau sírio e do exército sírio. Em fins de 1965, a maioria das operações terroristas do Fatah eram planejadas e montadas primeiro por um certo Gaeth Hafez, agente do

5

Em 1955, logo após seu frus-

trado namoro, Arafat recebeu uma visita no Cairo, de uma dupla de jovens palestinos de um campo de refugiados em Gaza. Seus nomes eram Khalil al-Wazir e Salah Khalef, e estavam de passagem pelo Cairo, para começar o treinamento com uma

Deuxieme Bureau, depois pelo coronel Sulayman Faqi, do exército sírio. Todo o treinamento de guerrilha do Fatah era organizado, conduzido e financiado pelo Governo sírio. Arafat e seus colegas serviam principalmente como recrutadores nos campos de refugiados do Líbano. Os sírios, por seu lado, ficavam felizes de dar crédito ao Fatah, e apoiar o mito de que Arafat e seus amigos eram operadores independentes; isto favorecia os esforços de recrutamento de Arafat e, mais importante, inibia a retaliação direta de Israel contra a Síria.

E nem se tratava apenas de um exemplo de ajuda a uma organização recém-criada, que mais tarde proviria seus próprios meios. Desde o episódio de 1966, quando Arafat explicitamente negociou sua autonomia em troca de sua vida, o controle sírio do Fatah permaneceu firme. Regimes sírios vão e vêm, mas

todos continuam a subsidiar e controlar Arafat. O chamado "representante do povo palestino", na realidade não representa nem a si próprio e a seu movimento, e a evidência mais recente é a tragédia do Líbano, no decorrer da qual Arafat, depois de uma tentativa gorada de pacificar os militantes muçulmanos, manteve-se notavelmente quieto. A Síria buscou — e quando escreveu isto, ainda busca — instalar um regime cúmplice no Líbano, e a última coisa que ela quer, por conseguinte, é um Governo libanês dominado por muçulmanos genuinamente nacionalistas, simpáticos às exigências palestinas. Pois um tal regime certamente trilharia seu próprio caminho, às vezes como aliado da Síria, às vezes não. Não seria "de confiança", como é Arafat. E provavelmente poria Arafat no centro das atenções, pondo fim à toda idéia de que ele é mais do que um porta-voz. E portanto, Arafat está numa embu-

lhada: não pode apoiar os militantes, pois a Síria o proíbe, e eles o liqüidariam; não pode apoiar o esforço sírio, porque fazê-lo seria revelar não sua moderação — seus vizinhos o conhecem bem demais para acreditar nisso — mas sua duplicidade. Por isso ele está quieto, para variar. Esperando novas instruções. E quando ele fala, já não é mais com a voz autoritária de uma figura internacional reconhecida, mas, pelo contrário, é com os tons estridentes de um homem que procura desesperadamente salvar algo de seu poder em desmoronamento. Os sírios querem algo maior agora; Arafat, portanto, deve esperar salvar sua própria posição tomando parte num rompimento dos libaneses-muçulmanos com a Síria. Pelo registro — um registro basicamente de impotência, um registro bem conhecido de seus colegas — suas perspectivas não parecem muito promissoras.

Reproduzido com permissão de MOMENT MAGAZINE, maio/junho 76

A tragédia do Líbano foi também palco da mais recente e grotesca reviravolta da lealdade de Yassir Arafat: de guerrilheiro palestino a instrumento dos sírios, voltou-se contra a Síria como o feitiço contra o feitiço. Mas a história não acaba aí: fiel na verdade aos seus próprios interesses e conveniências, Arafat mais uma vez reconciliou-se com os seus amos ou com o sonho da Grande Síria.

